

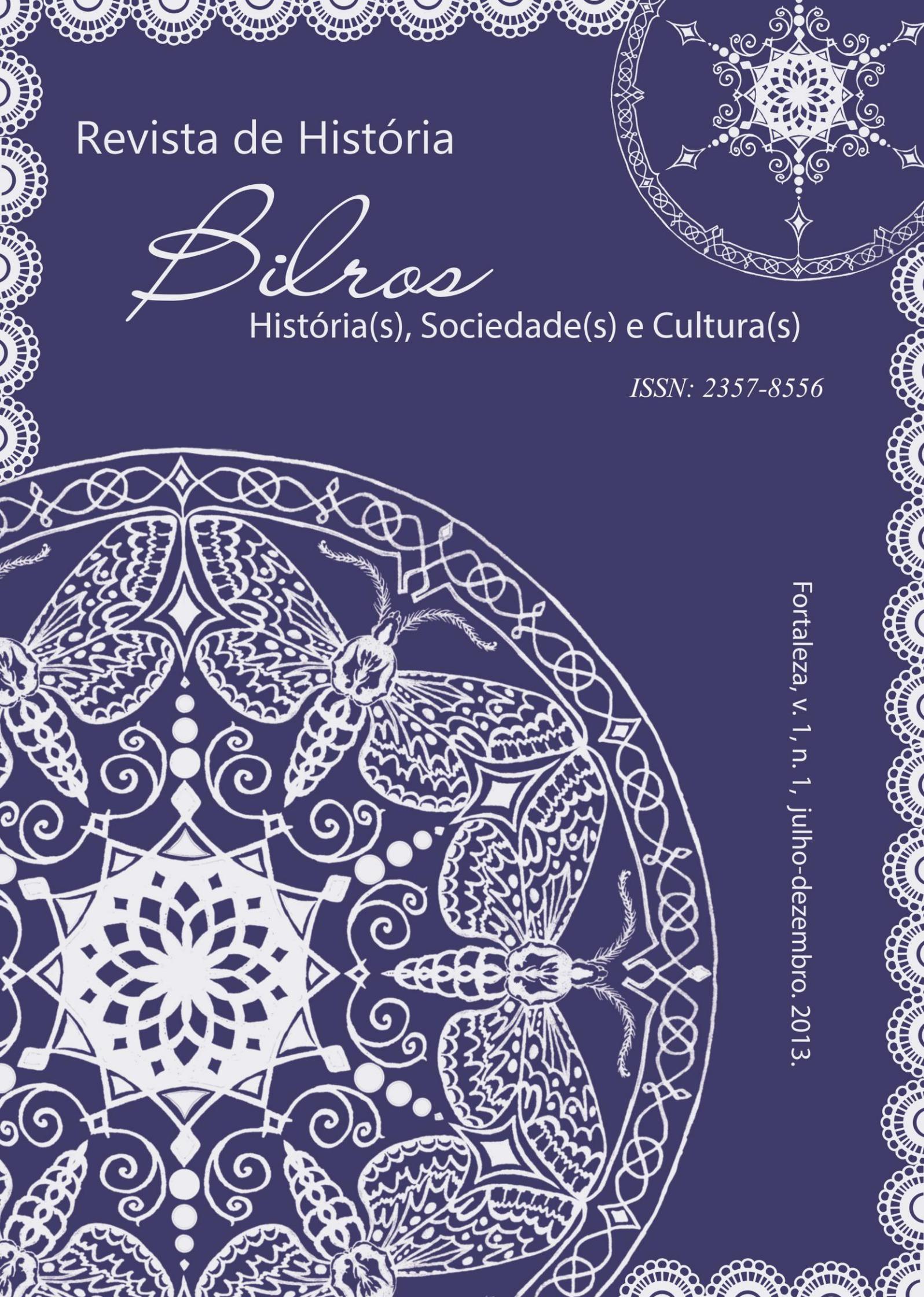
Revista de História

Pilras

História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)

ISSN: 2357-8556

Fortaleza, v. 1, n. 1, julho-dezembro. 2013.



Revista Eletrônica do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza, v.1, n.1 – julho-dezembro, 2013.
ISSN: 2357-8556

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Reitor: Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio

Vice-Reitor: Prof. Ms. Hidelbrando dos Santos Soares

Centro de Humanidades – CH

Diretora: Prof.^a Dr.^a Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Jorge Oliveira Triandópilis

Pró-Reitoria de Graduação – ProGRAD

Pró-Reitora: Prof.^a Dr.^a Marcília Chagas Barreto

Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Ceará

Coordenador: Prof. Dr. Francisco Artur Pinheiro Alves

Vice-Coodenador: Prof. Dr. Francisco Agileu De Lima Gadelha

EDITOR CHEFE

Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno (UECE)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Camila Mota Farias (UECE)

Vanessa Nascimento de Souza (UECE)

CONSELHO EDITORIAL

Albertina Paiva Paiva Barbosa (UECE)

Bianca Araújo Freires (UECE)

Caio Morais Pinheiro (UECE)

Danielle Almeida Lopes (UECE)

Erica Souza Pinto (UECE)

Gabriel Arcelino do Rêgo (UECE)

Leopoldo de Macedo Barbosa (UECE)

Maria Adaiza Lima Gomes (UECE)

Reverson Nascimento Paula (UECE)

Téssie Oliveira Dos Reis (UECE)

CONSELHO CONSULTIVO

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho (UECE)

Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas (UECE)

Prof. Ms. Francisco Gerardo Cavalcante do Nascimento (UFU)

Prof. Dr. Gilmar Carvalho (UFC)

Prof. Dr. Gisafran Jucá (UECE)

Prof. Dr. Jurandir Malerba (PUC-RS)

Prof. Ms. Océlio Teixeira de Souza (URCA)

Prof. Dr. Pedro Rogério (UFC)

Prof. Ms. Radamés de Mesquita Rogério (UESPI)

Prof. Dr. Sander Cruz Castelo (FECLESC)

Prof.^a Dr.^a Sônia Maria de Meneses Silva (URCA)

Prof. Dr. Thiago Alves Nunes Rodrigues Tavares (INTA)

CONTATO PRINCIPAL

Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno

E-mail: revistabilros@uece.br

SUPORTE TÉCNICO

Reverson Nascimento de Paula

E-mail: reverson_nascimento@hotmail.com

EDITORIAÇÃO E CAPA

Camila Mota Farias

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	5
Francisco José Gomes Damasceno	
ARTIGOS	
O “SABER-FAZER”RENDAS DE BILROS: AS RESSIGNIFICAÇÕES DO PROCESSO NA LAGOA DA CONCEIÇÃO EM FLORIANÓPOLIS.....	11
Elis Regina Barbosa Angelo	
A CIDADE E OS INSUBMISSOS: “VEM VER OH! FORTALEZA O PIRAMBU PASSAR”.....	28
Raimundo Nonato Nogueira de Oliveira	
AS RESSIGNIFICAÇÕES DA CULTURA POPULAR NA OBRA DA COMPOSITORA BRANCA RANGEL.....	44
Ana Luiza Rios Martins	
OS SALÕES DE ABRIL E OS GRUPOS SCAP E CLÃ COMO ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE.....	57
Anderson de Sousa Silva	
A EDUCAÇÃO NA MEMÓRIA DE ANTIGAS PROFESSORAS DA LOCALIDADE DE LAGOA DO PEIXE EM RUSSAS - CE (1966-1975).....	73
Rogério Maciel Nunes	
A UTILIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS VIRTUAIS DA WEB 2.0 NA FORMAÇÃO DO HISTORIADOR.....	90
Carla Silvino de Oliveira Edinielson Figueiredo Santos	
DO NEOPLATONISMO PITAGÓRICO A PEDRO NUNES:UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA MATEMÁTICA NO SÉCULO XVI.....	105
Diego Pimentel de Souza Dutra	
RESENHAS	
A CULTURA DAS COISAS: A PARTICIPAÇÃO DOS OBJETOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS E PESSOAIS.....	121
Erica Souza Pinto	
ENTREVISTANDO	
ENTREVISTANDO JURANDIR MALERBA: A PESSOA, O PROFESSOR E A SUA REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE A HISTÓRIA.....	129
Danielle de Almeida Lopes	

Apresentação

É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia
E fosse aparecendo aos poucos nosso amor
Os nossos sentimentos loucos, nosso amor
O zig-zag do tormento, as cores da alegria
A curva generosa da compreensão
Formando a pétala da rosa, da paixão
A sua vida o meu caminho, nosso amor
Você a linha e eu o linho, nosso amor
Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado
A casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza
O Linho e a Linha – Gilberto Gil

É com satisfação que lhes apresentamos, caros leitores, o primeiro número da Revista Bilros – História(s), Sociedade(s), Cultura(s). Idealizada, criada e organizada pelos discentes do Curso de História e do Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, trata-se da invenção criativa e interferente de um grupo de jovens historiadores preocupados em ingerir/digerir a realidade cultural, acadêmica, social, política, de forma aberta, fronteira, interdisciplinar e transitando por entre os mundos do conhecimento que constituem a realidade de forma cada vez mais decisiva.

Resultado destas preocupações é uma revista que “elabora seu corpo” como um “entre-lugar” surgido da necessidade de quebra e manutenção do continuum passado-presente. Um ato de desejo insurgente que pode, se aspirar, assumir o passado como “precedente estético” renovando o próprio passado e ao mesmo tempo o presente-futuro que nele são projetados de forma incansável pelo pensar historiográfico, pela criação – artística – do “historiador-mais-que-cientista”. Por isso, se deve entender suas ambiguidades, fortalezas, fraquezas, contradições e coerências, palavras e silêncios, desejos e realidades instituídas, como o resultado de um processo no qual um corpo “trança” sua elaboração em delicados movimentos de mão, entrelaçando os fios de desejo e carne, de sonhos e decepções, de passados e perspectivas. Podemos entender esse movimento como a vida, que estes jovens tentam nos evocar a experimentar com eles.

Nas suas seções mais tradicionais, como artigos e resenhas, a revista deixa ver/ler seu caráter de divulgação do conhecimento científico, mas não se exaure nisso. Outras formas de refletir são propostas pelo periódico, que tenta imaginar o mundo por uma

integração reflexiva e atuante, na qual atores sócio-históricos, envolvidos no ato de instituir o próprio mundo se revelam e se misturam, se conhecem e se promovem historicamente.

A seção “Experiências de ensino” revela a preocupação com o espaço do ensino em seus diversos níveis e se abre para contribuições diversas daqueles, que envolvidos com o “processo de ensino-aprendizagem”, desejem divulgar suas experiências, suas realidades, integrar e aproximar aqueles que se destinam a este campo de atuação e reflexão.

A seção “documentos” se propõe a divulgação de documentos importantes para determinada pesquisa e pesquisador, trazendo sua análise por este último de tal modo a estimular o conhecimento e a preservação de acervos documentais.

A seção “Entrevistando” estabelece uma “frequência” entre aqueles que desejam promover conhecimento sobre personagens que de algum modo são importantes para suas pesquisas e/ou suas vidas e nossos leitores, promovendo novos canais de diálogo entre sujeitos sociais.

Na seção “Tradução” importante espaço para aqueles que desejam se aventurar pelo mundo da construção de sentidos em outras línguas e deste modo pavimentar outros sentidos e/em outras relações marcadas pelas diversas formas de estruturar pensamentos e reflexões.

Por fim, a seção “Enquanto isso... outras histórias” se move/promove à abertura a partir da publicação de cordéis, charges, tirinhas, poesias, composições, paródias, histórias em quadrinhos e demais formas de arte em suas representações, promovendo ao mesmo tempo novos espaços de diálogo com a(s) arte(s), uma “dessacralização” do espaço científico como *locus* de um conhecimento restrito à produção técnico-científica.

Este número, com o qual debutamos, traz tecido em seu corpo sete artigos, uma resenha e uma entrevista, assinados por pensadores de diferentes regiões do país, com temáticas também diversas, aprofundadas em reflexões abertas e instigantes, que nos proporcionam um “passeio” por nossa(s) realidade(s) e que proporcionarão a todos uma visão panorâmica do que a revista se propõe.

Para iniciar, o artigo “‘Saber-fazer’ rendas de bilros: as ressignificações do processo na Lagoa da Conceição em Florianópolis” de Elis Regina Barbosa Ângelo (da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), abre este número com, parafraseando a expressão popular, “rendas de ouro”, tematizando o saber-fazer e os objetos da cultura, que emprestaram simbolicamente o elemento que intitula a própria revista. A autora faz uma importante reflexão sobre a tradição e suas reinvenções para continuar existindo enquanto

tradição, focando na experiência, estética porque não dizer, do saber-fazer rendas de bilros entre as rendeiras da Lagoa da Conceição em Florianópolis. As constantes construções e reconstruções das tradições populares, algumas de suas muitas apropriações e traduções, são tratadas de forma sensível, sujeitos sociais são revelados em seus papéis e a história oral emana como metodologia deste trabalho, que no seu próprio dizer não se exauriu em si já que,

Os desdobramentos que se apresentaram na reflexão sobre a trajetória dessa tradição não descreveram o fim das discussões, mas o caminho para que outras possam ser escritas. Esse recorte foi o início de novas polêmicas para se verificar a tradição enquanto um começo, meio ou fim de relações identitárias que possuem o intuito de manterem laços de símbolos, significados e pertencimentos.

O artigo “*A cidade e os insubmissos: ‘Vem ver oh! Fortaleza o Pirambu passar’*” de Raimundo Nonato Nogueira de Oliveira (do Mestrado Acadêmico em História e Culturas - MAHIS-UECE) busca “analisar a Marcha do Pirambu, realizada pelos moradores daquele bairro sobre a Cidade de Fortaleza no dia 1 de janeiro de 1962”. Entre os estigmas impostos e a rebelião social, o bairro do Pirambu desloca-se pela cidade e desloca as noções da cidade sobre si que o considerava “violento e miserável”. Esta marcha o projeta como espaço de lutas e de expressão política.

A formação desta “favela” nos anos da década de 1930, a cidade em seus diversos contextos, o papel desempenhado pela igreja – mais particularmente pela construção da igreja da comunidade –, padre, freiras, jovens católicos e por seus moradores, são evidenciados ao culminar com a marcha nos anos da década de 1960 e desta forma o autor chega à conclusão que,

...a partir da realização da Marcha, abrem-se as portas para o Pirambu. Esse fato acabou projetando o bairro como um dos pioneiros no cenário dos Movimentos Sociais Urbanos de Fortaleza, mostrando que, através da organização, o povo é capaz de vencer e conquistar seus objetivos. A Marcha também propiciou ao direito a terra, fato esse, que se evidenciou através do Decreto Lei 1.058, de 25 de maio de 1962.

Já os artigos “*As resignificações da cultura popular na obra da compositora Branca Rangel*”, de Ana Luíza Rios (da Universidade estadual Vale do Acaraú e pesquisadora do laboratório de Estudos e Pesquisa em História e Culturas - DÍCTIS) e “*Relação entre arte e política nos salões de artes de Fortaleza (1944-1970)*” de Anderson de Sousa Silva (da Universidade Federal do Ceará - UFC) abordam a cidade de Fortaleza sob ângulo distinto do artigo anterior, elegendo as artes (música e artes plásticas) em sujeitos sociais sensíveis e atuantes em momentos (e temporalidades) distintos e próximos que abarcam desde o final do século XIX até o terceiro quartel do século XX.

O primeiro reflete sobre a compositora Branca Rangel e sua trajetória, suas músicas esquecidas em acervos pela cidade. A partir da incorporação do universo sonoro das festas e dos costumes tradicionais aponta no sentido da construção de uma “Cearensidade” a partir do esforço de criação de uma música cearense, redefinida pela inserção urbana da cidade.

Trazendo novamente neste número a questão da ressignificação das culturas populares e das questões identitárias apontadas nos artigos anteriores, esta autora cautelosamente aponta que,

...observa-se que na ânsia da compositora demarcar um novo modo de “digerir” o popular na arte, Branca Rangel marca uma diferença quanto à forma de se apropriar desse popular. O artista tenta incorporar elementos novos da cultura urbana ao universo da tradição para assim recriar uma identidade própria. Também é preciso distinguir aquilo que os artistas vão denominar de tradição, da prática da vivência da tradição.

Já o segundo aborda o salão de abril, importante evento do mundo das artes da cidade de Fortaleza que é avaliado em dois momentos distintos, na medida em que a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) e a Prefeitura Municipal de Fortaleza produzem o evento, revelando os desdobramentos políticos e sociais que cada um destes engendra. As preocupações com o presente se constituem em referência para avaliar estas experiências. Nesse sentido se pode “perceber a importância do mesmo para o processo de legitimação da arte e dos artistas locais, como também sua influência no cenário artístico de Fortaleza”.

Rogério Maciel Nunes (da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos de Limoeiro do Norte – FAFIDAM/UECE) assina “*A educação na memória de antigas professoras da localidade de Lagoa dos Peixes em Russas – Ce (1966-1975)*” no qual a oralidade de antigas professoras é o caminho pelo qual se reencontra o ensino de crianças entre 08 e 12 anos no sertão cearense. Assim, o cotidiano de sala de aula, o planejamento e os desdobramentos de um conjunto de relações sociais e políticas se revelam, não sem o devido cuidado em balizar a experiência:

...questões a respeito das funções da educação e do papel do professor sofrem alterações de acordo com a época e o contexto. As visões que se tem hoje a respeito de educação bem como os papéis de professor e aluno e a representação destes na sociedade não são as mesmas de outros tempos e lugares, e os debates que hoje se travam a esse respeito, possivelmente, podem mudar as formas de pensar para o futuro.

Ainda refletindo sobre o espaço do ensino-aprendizagem Carla Silvino de Oliveira e Edinielson Figueiredo Santos (do Instituto Superior de Teologia Aplicada – faculdades INTA de Sobral) *escreveram* “*A utilização das ferramentas virtuais da WEB 2.0 na formação do historiador*”. Nele refletem problematizando o uso das ferramentas disponíveis no WEB 2.0 em curso presencial, narrando experiência vivida e avaliando as concepções pedagógicas, bem como a utilização de mídias dentro de um ensino tradicional – com o qual rompem – e apontando para a perspectiva de um ensino inovador.

As tecnologias de comunicação e informação (TIC’s) são avaliadas apontando na perspectiva de construção de um conhecimento colaborativo no que estas ferramentas são consideradas como importante recurso. Para isso se movimentaram no sentido de criar o espaço da experiência: “...o *Blog* foi a ferramenta escolhida por ser de acesso livre e atingir o objetivo das disciplinas que consistia na elaboração de conteúdo colaborativo”.

Contudo concluem apontando a aproximação entre os ambientes presencial e virtual e na existência de uma mútua determinação entre eles, já que,

...a utilização da ferramenta virtual aperfeiçoou as discussões no encontro presencial. Percebemos a articulação entre presencial e virtual através da continuidade da discussão nos dois ambientes e também da interação entre os alunos. No decorrer do semestre constatamos que a espacialidade da sala presencial (local que os alunos costumam sentar-se) modificou-se resultante dos novos laços de aproximação das relações virtuais. Dessa forma, a ferramenta foi utilizada de forma aproveitar suas potencialidades ao promover a colaboratividade do conhecimento e a interação entre os sujeitos do processo ensino aprendizagem.

No último artigo *intitulado* “*Do neoplatonismo pitagórico a Pedro Nunes: um estudo sobre a importância da matemática no século XVI*” de Diego Pimentel de Souza Dutra. (da Rede Municipal de Ensino de Itaboraí e Majé – RJ) o autor realiza uma instigante reflexão histórica sobre a matemática e suas formas de constituição epistemológica e científica considerando o século XVI e a passagem para valores que se instituíram naquele momento, se utilizando para tanto das contribuições de Pedro Nunes o autor revela a “promoção do saber matemático como linguagem” para o entendimento e o estudo dos fenômenos da natureza em seus desdobramentos para constituição das noções modernas de ciência.

O autor finaliza seu escrito de forma inusitada apontando que,

Foi somente no século XVII que a intelectualidade europeia viria a adotar a concepção de uma Natureza mensurável e quantitativa, defendendo a noção de que a Verdade da Natureza consistia em fatos puramente matemáticos. Somente a partir daí que homens como Galileu Galilei chegariam ao ápice da *matematização* com a

proclamação de que o “Livro da Natureza” fora escrito por Deus em caracteres puramente matemáticos...

No escrito de Érica Souza Pinto (Pesquisadora do grupo de pesquisa em Práticas Urbanas- GPUR da Universidade Estadual do Ceará), que ela habilmente intitulou segundo suas inclinações de pesquisa de “*A Cultura das Coisas: A participação dos objetos nas relações sociais e pessoais*” é resenhado o livro de Daniel Miller, “Trecos, Troços e Coisas: Estudos antropológicos sobre a Cultura Material (Traduzido por Renato Aguiar e publicado em 2013 pela Zahar).

Assim, a autora inicia sua avaliação apontando que, a “...obra realiza um exame retrospectivo das principais investigações do antropólogo britânico, posicionando-se em prol da Cultura Material, cujas pesquisas têm contribuído de maneira significativa com muitas disciplinas e seus respectivos interesses acadêmicos”.

E continua elogiosamente argumentando que a capacidade do autor de tratar conceitos complexos com leveza e simplicidade se constitui em aspecto positivo de seu trabalho, apontando que: “O argumento central do livro é um paradoxo: A melhor maneira de entender, transmitir e contemplar a nossa humanidade é direcionar a atenção para materialidade fundamental que de nossas vidas faz parte”.

Após isso vários aspectos da obra são apresentados, para depois desta argumentação sedutora, convidar os mais diversos profissionais à leitura da obra.

No último escrito de nossa revista neste número, Danielle Almeida Lopes (Pesquisadora do grupo de pesquisa em Práticas Urbanas- GPUR da Universidade Estadual do Ceará) inaugura a seção “Entrevistando” com um interessante diálogo chamado “*Jurandir Malerba: a pessoa, o professor e sua reflexão teórica sobre a história*”.

A entrevista realizada com o historiador da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul foi realizada em maio de 2013, quando de sua vinda a Fortaleza para participar de atividades promovidas pelo Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas (GPPUR) e pelo Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE).

A trajetória deste importante historiador é delineada pela inquirição da autora que se revela preocupada com os caminhos da história hoje.

* * *

Eis o que foi carinhosamente preparado para nosso deleite. Esta “jovem e moderna geração” de historiadores editores desta revista, de forma sussurrada repete os segredos tão velhos quanto o tempo. Talvez nos ensinem da sua forma o que pensamos já saber: “Olê muié rendeira/ Olê muié rendá / Tu me ensina a fazê renda / Que eu te ensino a namorá”... então aprendamos a “fazer renda e a namorar”, a ouvir e falar , a pensar e sentir, a (re)ver o(s) mundo(s), a tecer a linha e o linho ...

Por tudo isso vale a pena ler esta revista...

Messejana, inverno de 2013/2014.

Francisco José Gomes Damasceno